

## O ARQUIVO-LITERATURA DE JORGE LUIS BORGES E ITALO CALVINO: ESPAÇO DE “VIVER JUNTO”

DRA. MARIA ELISA RODRIGUES MOREIRA  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
(elisarmoreira@gmail.com)

RESUMO: O presente artigo propõe uma leitura das obras de Jorge Luis Borges e Italo Calvino pautada pela noção de arquivo, o qual é entendido, a partir das concepções de Jacques Derrida, como um espaço marcado por questões históricas, nomológicas e topológicas. As obras dos dois escritores são, nessa perspectiva, tomadas como “arquivos literários” nos quais são colocados em convivência textos de diferentes épocas e lugares, de distintos gêneros e valorizações hierárquicas, oriundos de variados campos do saber, os quais se aproximam indistintamente. Para refletir sobre esta aproximação, utilizam-se como principais referenciais teórico-críticos as noções de “heterotopia”, desenvolvida por Michel Foucault, e de “como viver junto”, tal qual delineada por Roland Barthes.

Palavras-chave: Literatura. Arquivo. Heterotopia. Jorge Luis Borges. Italo Calvino.

Artigo recebido em 30 jun. 2017.  
Aceito em 10 jul. 2017.

JORGE LUIS BORGES AND ITALO CALVINO'S LITERATURE-ARCHIVE:  
A PLACE TO "LIVE TOGETHER"

**ABSTRACT:** This paper proposes a reading of the works of Jorge Luis Borges and Italo Calvino guided by the concept of archive, which is understood, according to the ideas of Jacques Derrida, as a space branded by historical, nomological and topological issues. According to this view, the works of the two writers are taken as "literary archives" which are set against texts from different times and places, of different genders and hierarchy and coming from various fields of knowledge, which are approached indistinctly. To reflect on this approach, the notions of "heterotopia", developed by Michel Foucault, and "how to live together", outlined by Roland Barthes, are used as the main theoretical and critical references.

**Keywords:** Literature. Archive. Heterotopia. Jorge Luis Borges. Italo Calvino.

*Esse tumulto silencioso dorme  
No espaço de um daqueles livros  
Da sossegada estante. Dorme e espera.*

Jorge Luis Borges

Um espaço abriga o "tumulto silencioso", a conversa, o movimento que institui o arquivo: "Não há arquivo sem o espaço instituído de um lugar de impressão", nos diz Jacques Derrida (2001, p. 8). O arquivo precisa ancorar-se naquele "ali onde" que marca tanto seu começo quanto seu comando; ele precisa ser instituído, guardado e interpretado por um arconte, mas para isso exige "uma localização": "Mesmo em sua guarda ou em sua tradição hermenêutica, os arquivos não podiam prescindir de *suporte* nem de *residência*" (DERRIDA, 2001, p. 13, grifos meus). É recorrendo à palavra arquivo, em seu amplo e complexo espectro, que o filósofo francês faz do objeto/ação que ela também designa uma topologia, indicando o quanto o espaço que a abriga é importante em sua constituição: a casa dos arcontes é o lugar do arquivo. Foi nela, "nesta domiciliação, nesta obtenção consensual de domicílio, que os arquivos nasceram", nesta "morada", neste lugar onde os arquivos se "de-moravam" (p. 13). O arquivo depende, pois, de um cruzamento topológico e nomológico para

garantir sua existência e sua permanência (sua sobrevida, um persistir diferido): sem a domiciliação “nenhum arquivo viria à cena nem apareceria como tal” (p. 13).

Como essa topo-nomologia, essa exigência de uma morada para o arquivo, pode ser pensada em relação às literaturas de Jorge Luis Borges e Italo Calvino? Em que lugar repousa esse arquivo da literatura por eles construído, onde se demora à espera de seu arconte e do movimento interpretativo que lhe garante a sobrevivência? E como é esse lugar, quais suas características, que tipos de pensamentos implica e propicia? Em que estantes, em que prateleiras, em que livros dorme e espera ser acordada de seu sono tumultuado e silencioso a memória de uma literatura arquivada? Acredito poder pensar essa morada, esse exterior de que o arquivo derridiano depende para se instituir, como a própria obra dos autores em questão: o domicílio deste arquivo é o espaço do texto, são as ficções, ensaios, poemas de Borges e Calvino, seus livros de areia, suas prateleiras hipotéticas, suas babélicas, labirínticas e infinitas bibliotecas. Nessa perspectiva, é nos espaços discursivos de Borges e Calvino que um determinado arquivo da literatura é, mais que registrado na memória, instituído como arquivo:

[...] o arquivo, como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnésica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável passado, que existiria de qualquer jeito e de tal maneira que, sem o arquivo, acreditaríamos ainda que aquilo aconteceu ou teria acontecido. Não, a estrutura técnica do arquivo arquivante determina também a estrutura do conteúdo arquivável em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento. (DERRIDA, 2001, p. 28-29)

Se tomarmos o arquivo-literatura de Borges e Calvino, assim, como este lugar de consignação no qual se registra e institui uma memória, uma tradição literária, é possível refletir sobre o quão tumultuado é esse texto silencioso, uma vez que abriga uma infindável gama de elementos heterogêneos que nele se aproximam, repelem, contaminam pela justaposição. O deslocamento que o ato arquivante produz sobre os materiais arquivados implica não somente numa movimentação temporal, num percurso pendular entre passado presente futuro, mas também num abalo topológico, num rearranjo de inscrições oriundas dos mais diversos locais num espaço que as acolhe e avizinha. E, mais ainda, esses movimentos e contaminações provocam abalos políticos, questionam os arquivos da memória e da tradição, desorientam o olhar e o pensamento que sobre eles se voltam. O espaço do arquivo borgiano-calviniano é, pois, tanto um outro espaço quanto um espaço do outro, pautado pela “convivência” – nem sempre harmônica – entre o heterogêneo, espaço no qual se exerce e exercita um poder sobre a memória, sobre a literatura, sobre a própria prática do arquivo. Para transitar por esse espaço, opto por tomar como referência as reflexões de Michel Foucault acerca da heterotopia e as de Roland Barthes sobre “como viver junto”.

Na conferência “Outros espaços”, proferida em 1967, Foucault aprofunda o pensamento acerca da heterotopia que já havia marcado o prefácio de *As palavras e as coisas* (2002), livro publicado no ano anterior, afirmando que, ao passo que o século XIX foi marcado pela história, a contemporaneidade tem como signo obsessivo o espaço:

Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. (FOUCAULT, 2009, p. 411)

Articulando esse pensamento ao arquivo derridiano e às obras de Borges e Calvino, tomo essas obras sob o foco topológico, pois que elas reúnem em um mesmo lócus – o livro, a coleção de livros, a biblioteca – textos, memórias e saberes diversificados, funcionando como um entrelugar fronteiro onde estes se agrupam e produzem novos conhecimentos, onde se mantêm as tradições em perpétuo movimento. Segundo Foucault, é justamente a questão do movimento, da relação “entre” objetos, indivíduos, linguagens, que marca o pensamento do espaço em nossos tempos: se o espaço medieval era um espaço de localização, que com Galileu passou a ser pensado em termos de extensão, ele hoje tem sua característica principal na questão do posicionamento, ou seja, está definido pelas diferentes “relações de vizinhança” que se podem estabelecer entre os diversos elementos que se encontram agrupados num mesmo recorte topológico.

Esse espaço *onde* as coisas se aproximam, o “ali onde” que permite o arquivo, é um espaço heterogêneo, marcado por posicionamentos irreduzíveis entre si, por relações de vizinhança que não permitem a sobreposição dos elementos e que muitas vezes dificultam até mesmo o diálogo entre eles. Espaços de passagem, de parada provisória, de repouso: esses são alguns dos tipos posicionais indicados por Foucault como definidos a partir, exatamente, das relações que os configuram, e que são exemplificados respectivamente pelos trens, pelos cafês e pelos quartos. Mas Foucault centra sua fala em dois posicionamentos específicos, os quais se caracterizariam por, ao mesmo tempo, relacionarem-se a e contradizerem todos os outros tipos de posicionamento possíveis: a utopia e a heterotopia. Enquanto a utopia seria um posicionamento sem lugar real, a heterotopia se apresenta como uma espécie de contraposicionamento, um espaço no qual “todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos” (FOUCAULT, 2009, p. 415). Por isso a utopia consola, ao passo que a heterotopia inquieta: o espaço irreal da utopia é “maravilhoso e liso”, em contraposição ao espaço fracionado, emaranhado e arruinado da heterotopia (FOUCAULT, 2002, p. xiii). É esse espaço heterotópico, o tipo de relação de posicionamento que o conforma, que aqui me interessa aproximar

da topologia do arquivo e, mais especificamente, da literatura, retomando o que Luis Alberto Brandão chama de uma “vocalização heterotópica da literatura” (BRANDÃO, 2007), a qual me parece bastante visível no arquivo-biblioteca que são as obras de Borges e Calvino, escritores que fazem do “não-lugar da linguagem” apontado por Foucault o solo no qual se constitui um arquivo muito particular da literatura, a morada onde podem “viver junto” tradições literárias das mais diversas e pensamentos oriundos de outros campos do saber.

O arquivo, nesse sentido, viria a se instituir como um dos *topos* da heterotopia, na medida em que possibilita “justapor em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis” (FOUCAULT, 2009, p. 418), que faz “Viver-Junto”, isto é, “viver num mesmo lugar”, “viver no mesmo tempo em que”, “viver ao mesmo tempo em que” (BARTHES, 2003, p. 11). No arquivo são avizinados, aproximados, entrelaçados o Outro e o Mesmo, o próximo e o distante, o contemporâneo e o antigo, o público e o privado sem que, no entanto, anulem um ao outro; no espaço heterotópico das obras de Borges e Calvino a tradição literária é embaralhada pela chegada de “signos estrangeiros” que irão agenciar o diferimento, seja suplementando modelos já afirmados de pensamento, seja abrindo caminhos para que novos valores se coloquem no contexto desse sistema que é o próprio arquivo: “Tem-se, pois, uma história alternativa – outra e alternada –, nascida da junção de textos-signos que vão se afirmando, por meio de renovada tensão entre si, como produto de uma relação e de um processo” (MIRANDA, 2003, p. 41).

Dentre os diversos espaços heterotópicos destacados por Foucault, interessa-me em especial a biblioteca, citada por ele ao lado do museu – e por mim expandida até as bordas do arquivo – como um espaço no qual a heterotopia liga-se à heterocronia num arranjo complexo que é próprio à contemporaneidade, conformando locais de acumulação infinita de diferentes temporalidades. Museus e bibliotecas são, conforme Foucault, “heterotopias nas quais o tempo não cessa de se acumular e de se encarapitar no cume de si mesmo” (FOUCAULT, 2009, p. 419). Assim como nos arquivos (e nas coleções), nos museus e nas bibliotecas uma temporalidade heteróclita se reúne nos fragmentos de memória que os compõem:

Em compensação, a ideia de tudo acumular, a ideia de constituir uma espécie de arquivo geral, a vontade de encerrar em um lugar todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos, a ideia de constituir um lugar de todos os tempos que esteja ele próprio fora do tempo, e inacessível à sua agressão, o projeto de organizar assim uma espécie de acumulação perpétua e infinita do tempo em um lugar que não mudaria, pois bem, tudo isso pertence à nossa modernidade. (FOUCAULT, 2009, p. 418)

Sobre esse campo de acumulações que é o arquivo, no qual temporalidades, geografias e traços de poder distintos se conjugam e são postos em convivência, é necessário que se lance um olhar móvel, não apenas “pendular entre o passado, a

atualidade e o porvir”, como indica Ana Pizarro (2009, p. 359), mas também oscilante com relação à heterogeneidade dos elementos que o constituem, que ali vivem juntos, que habitam um mesmo espaço e um mesmo tempo. No caso específico das literaturas de Borges e Calvino, o material heteróclito que as conforma apresenta inúmeros matizes distintos, os quais levam a pensar nas implicações dessa vizinhança imposta, desse posicionamento que obriga um viver junto entre o Mesmo e o Outro que acaba por contaminar esses elementos e diluir a precisão de suas fronteiras. Que “efeitos de lugar” (BOURDIEU, 1999) causa a aproximação da literatura a outros saberes – como a matemática, a filosofia, a ciência – sobre estes saberes e sobre a própria literatura? Como se mostra esse “outro” enxertado num arquivo do “mesmo”, como se podem entender esses lugares ex-cêntricos em relação àqueles que os narram, que são o Oriente de Borges e a América de Calvino? Quais as repercussões de colocá-los para viver juntos, como eles se tecem e contaminam no momento em que se avizinham? Quais os impactos sobre o texto da justaposição entre o verdadeiro e o apócrifo, entre o científico e o ficcional, entre a literatura e a política? O tumulto silencioso que parecia garantir ao livro o repouso numa sossegada estante dá lugar, sob o lastro da heterotopia, a uma inquietude, a uma agitação, a um riso nervoso como o de Michel Foucault diante da já citada enciclopédia chinesa borgiana, riso decorrente da impossibilidade de que se mantenha o curso de um determinado tipo de pensamento, de um desconserto.

A própria enciclopédia chinesa nos traça um possível caminho para que comecemos a pensar nos modos como a relação entre o Mesmo e o Outro toma forma na obra borgiana, em como o Oriente nela marca sua ex-centricidade e, se retomarmos a leitura de Foucault, também sua excentricidade. Não nos parece difícil perceber que o lugar do Oriente em Borges seja um dos lugares habitado pelo outro, um lugar fora do centro, um lugar tão marginal para o pensamento moderno ocidental quanto a Argentina de onde escreve, mas a questão de uma excentricidade no sentido de desvio, de extravagância, mostra-se um pouco mais complexa. Foucault vai dizer que, se a enciclopédia chinesa de Borges aponta uma atopia, a impossibilidade de um lugar de linguagem, ela faz esse lugar atópico, “sem espaço coerente”, convergir para uma “pátria mítica”, uma “região precisa, cujo simples nome constitui para o Ocidente uma grande reserva de utopias”: a China, cuja cultura é “surda aos acontecimentos do tempo”, “vinculada ao puro desenrolar da extensão” (FOUCAULT, 2002, p. xiv). A esse olhar francês – cêntrico, portanto – que vê na China uma matriarcal pátria exótica responde Silviano Santiago, retomando Borges e a leitura foucaultiana de Borges, a partir de outro desvio: a China de Borges é “o melhor palco metafórico e incendiário para o exotismo por excelência deste Outro-do-Ocidente-dentro-do-Ocidente, que é a América Latina” (SANTIAGO, 2008, p. 212). Silviano Santiago vai indicar o quanto o lugar de onde fala o próprio Borges é, para Foucault, um lugar exótico, o lugar de uma desordem persistente desde a “descoberta” da América, um lugar atópico no qual a linguagem se encontra arruinada. Mas é justamente aí que reside a possibilidade de qualquer aproximação,

nessa constituição de um lugar heterotópico onde o Outro e o Mesmo convivam e se deem a reconhecer: “O aqui europeu de Michel Foucault é o acolá chinês dos latino-americanos que, por sua vez, é o *aqui e agora* de todos nós. O velho Ocidente se encontra no seu Outro. Tem como espelho o Outro” (SANTIAGO, 2008, p. 215, grifos do autor).

Essa leitura de Foucault contribuiria, ainda conforme Santiago, para replicar canônicas leituras europeias e latino-americanas colonialistas, com Borges tornando-se um “exportador de *exotismo*, re-alimentando o esgotamento cultural e artístico do ocidente europeizado” (SANTIAGO, 2008, p. 216, grifos do autor). Nesse sentido, tomando a China como um emblema do Oriente, poderíamos não mais pensar a China como o Outro, mas sim como o Mesmo que se avizinha nas fronteiras do que habita a margem de uma cultura, de um pensamento: China e América estariam mais próximas que América e Europa, essa sim a diferença principal, o lugar comum contra o qual se exigiria e se erigiria um pensamento exótico. Mas esse pensamento exótico se constituiria justamente por nele se configurar, desde sempre, um solo comum heterotópico – o solo das artes e da literatura, conforme Santiago, mas parece-me que também o solo da crítica e da teoria –, um espaço no qual o Mesmo e o Outro convivem familiarmente: essa é sua excentricidade, e também sua forma de ser ex-cêntrico, pois o pensamento latino-americano é um pensamento que se constitui na fronteira exterior do paradigma pautado pela racionalidade moderna ocidental.

Dois aspectos não apontados por essas leituras, no entanto, me parecem dignos de nota. O primeiro diz respeito à educação inglesa de Borges e à sua formação europeia, que fazem com que ele se situe num entrelugar entre o Mesmo e o Outro a que nos remetem Foucault e Santiago, e já colocam em questão essas duas categorias na constituição do pensamento e da literatura do escritor argentino. O outro concerne à relação de Borges com o Oriente: é por meio da palavra escrita que Borges descobre e apresenta ao mundo esse Outro que é o Oriente (e, ao mesmo tempo, esse outro que é a Argentina, a América Latina). No caso da enciclopédia chinesa, a pátria mítica do inimaginável narrada por Foucault deriva (ao menos como fictício lugar de origem) de um livro (ou melhor, da leitura de um livro realizada por outra pessoa): conforme o texto de Borges, a referência à enciclopédia chinesa teria sido dada pelo Dr. Franz Kuhn, um filólogo e folclorista alemão, que atribui a lista dos animais que apresenta “a certa enciclopédia chinesa intitulada *Empório celestial de conhecimentos benévolos*”, obra de um “desconhecido (ou apócrifo) enciclopedista chinês” (BORGES, 2007, p. 124). Semelhante trajeto tem outro emblema do Oriente presente na obra de Borges, o budismo. Em seus diálogos com Osvaldo Ferrari, é também a leitura que o escritor argentino indica como a mediadora de seu interesse pelo tema: “Bem, eu cheguei ao budismo... eu era criança e li um poema de um poeta inglês bastante medíocre, Sir Edwin Arnold, chamado ‘The light of Asia’ (A luz da Ásia), que era o Buda, e nele versifica – em versos inesquecíveis – a lenda de Buda” (BORGES e FERRARI, 2009a, p. 224). Borges não apenas chega ao Oriente por meio dos livros,

da literatura, mas ainda por meio de uma leitura já ocidental do Oriente, num movimento que desde seu prenúncio faz embaralhar a questão do Mesmo e do Outro num espaço heterotópico marcado pela convivência entre o diverso:

Então, eu li esse poema sobre o budismo – que era uma ideia mais ou menos geral da lenda de Buda –, tinha ouvido a palavra “nirvana”, que é uma palavra, bem, tão rica, parece tão inesgotável, não é? [...] E depois li Schopenhauer – eu tinha uns dezesseis anos –; Schopenhauer fala do budismo, ele diz que é budista, e isso me levou... não sei como chegou às minhas mãos um exemplar do livro de Koeppen, um livro em dois volumes, hoje esquecido, que é o que Schopenhauer leu, e que o aproximou do budismo (BORGES e FERRARI, 2009a, p. 225).

[...] mas, é claro, tudo o que eu sei, como no caso deles [David Vogelmann e Murena, dois estudiosos do pensamento oriental], é de segunda ou terceira mão, mas de alguma maneira, devemos saber das coisas (BORGES e FERRARI, 2009b, p. 150).

E assim segue Borges, traçando o itinerário de sua descoberta do budismo sobre leituras, suas e de outros, das quais vai brotar seu interesse pelo assunto e das quais vão derivar também os textos que compõe e com os quais delinea o Oriente que se apresenta em sua obra. Reiterando sua profunda admiração e respeito pelas filosofias orientais, e afirmando inclusive que acredita “que tudo foi pensado no Oriente”, Borges vai explicar ainda que só pode conhecê-las e reconhecê-las pelo fato de essas filosofias já terem, em alguma medida e de alguma maneira, se manifestado no Ocidente. Seu ponto de partida é, pois, como ressalta Matias Chiappe Ippolito, recorrendo a Edward Said, “o arquivo orientalista” que funciona como “uma cicatriz europeia” na leitura borgiana – e, mais amplamente, latino-americana – do Oriente (IPPOLITO, 2011). Mas esse procedimento é marcado em Borges por uma liberdade de leitura muito peculiar, de forma que a apropriação que ele faz desse arquivo europeu do que seria o Oriente, seu manejo crítico, analítico e criativo dessa cultura outra, acaba por apontar para um oriente que se distingue do europeu, ainda que persista nele uma “cicatriz europeia”: o Oriente de Borges marca a posição da América Latina como lugar intermediário de leitura, em que o Outro e o Mesmo já não se apresentam tão distintos assim. O solo da escrita latino-americana é heterotópico por vocação, lugar de convivência entre diferenças.

Ficções criadas a posteriori, o Ocidente e o Oriente como representantes do Mesmo e do Outro, “dois ferozes inimigos inventados pelo etnocentrismo” (SANTIAGO, 2008, p. 216), no pensamento de Borges são aproximados e hierarquicamente emparelhados, funcionando como exemplos de um “viver-junto” desde suas origens: “[...] o que nós chamamos ‘cultura ocidental’ não é totalmente ocidental, já que, fundamentalmente, temos a influência do oriente sobre Pitágoras e sobre os estoicos” (BORGES e FERRARI, 2009c, p. 150). O Oriente de Borges converte-se, assim, no próprio espaço da heterotopia, lugar no qual se imprime um



arquivo de múltiplos posicionamentos, que se interpolam e alteram a todo instante em razão de um fluxo ininterrupto entre o eu e o outro, o semelhante e o diverso:

Pensamos que a Europa está continuamente descobrindo o Oriente – pensamos em Marco Polo, nas cruzadas, no livro das Mil e uma noites, na descoberta da filosofia da Índia e da China durante o século XX – que prossegue agora. Ultimamente descobriu-se a literatura japonesa. Tudo isso faz parte de um jogo que nos fará esquecer que somos orientais ou ocidentais, e que nos unirá a todos. Talvez sejam várias as fontes da nossa cultura. (BORGES e FERRARI, 2009b, p. 154)

Essa aproximação, no entanto, marcada pela necessidade de uma contínua redescoberta, faz persistir os traços de uma diferença insuperável, a mesma diferença que parece perdurar na América de Italo Calvino. Em “Serpentes e caveiras”, um dos textos que compõem o livro *Palomar*, Calvino narra a visita de seu protagonista às ruínas de Tula, antiga capital dos toltecas, no México. O senhor Palomar faz o passeio acompanhado de um amigo, profundo conhecedor das civilizações pré-hispânicas, que para “diante de cada pedra” e “transforma-a em narrativa cósmica, em alegoria, em reflexão moral” (CALVINO, 1994, p. 89). O viajante cruza, então, com um grupo de estudantes, “garotos de traços indiáticos, talvez descendentes dos construtores daqueles templos” (p. 89), acompanhados de seu professor, que, em contraposição à explicação absoluta e infundável que seu amigo procura dar daquela cultura outra que ali se apresenta, afirma (e reafirma, pois que repete a todo instante) uma incompreensibilidade persistente diante do diverso: “Não se sabe o que querem dizer” é sua colocação diante de cada pedra, de cada entalhe, de cada figura.

É também essa persistência da diferença o que se percebe em “Montezuma” (CALVINO, 2001), conto no qual se evidencia o quão heterotópico é o lugar literário traçado na ficção calviniana. “Montezuma” é uma das entrevistas que compõe o projeto *Diálogos históricos*,<sup>1</sup> livro que Calvino pretendia publicar e que não chegou a ser concluído, o qual consiste em uma série de “entrevistas impossíveis” em razão de seu anacronismo. Neste diálogo, um personagem em primeira pessoa – “eu” – conversa com Montezuma num tempo indefinido, que se percebe contemporâneo, acerca do contato entre este e Hernán Cortés e das consequências desse encontro para os mexicanos, para os europeus, para a história da humanidade daí decorrente. A entrevista é marcada por uma impossibilidade de entendimento, pois entrevistador

---

<sup>1</sup> *Diálogos históricos* era um dos projetos de livros de Italo Calvino, do qual encontraram-se escritos apenas três textos, todos elaborados a partir de demandas específicas: os dois primeiros, “O homem de Neandertal” e “Montezuma”, foram produzidos em 1974 para uma série radiofônica da *Radiotelevisione Italiana* (RAI), e publicados em 1975 no livro *Le interviste impossibili*; o terceiro texto, “Henry Ford”, conforme anotação de uma das cadernetas de Calvino, foi escrito em 1982 “para a TV”, mas o programa não foi realizado, permanecendo o datiloscrito entre os materiais de Calvino até sua publicação, em 1993, na compilação *Prima che tu dica “pronto”* (MILANINI, 2004).

e entrevistado falam de lugares tão distintos que o diálogo não se concretiza como tal, e o entrevistador sempre tenta “adequar” o entrevistado a suas concepções.

A entrevista com Montezuma aponta os riscos decorrentes de uma tentativa de classificação do Outro, do desejo de sua conversão ao mesmo por meio de uma violência física e/ou simbólica que imponha sua inclusão numa categoria: para classificar o Outro, o que se apresenta como ininteligível e, portanto, inclassificável, é preciso que se aparem suas bordas, que se force seu encaixe no molde de um pensamento que não é capaz de contê-lo. Mas esse projeto arriscado, que deixa registradas as marcas de uma violência absoluta, mostra-se ainda insuficiente para apagar a diferença: o colecionamento do Outro, a tentativa de dele se apropriar não se efetiva sob o jugo da heterotopia. Na narrativa de Italo Calvino persiste o diferimento de Montezuma, perdura a diversidade desse mundo estranho ao europeu colonizador, que passa a “viver junto” com ele, inaugurando desse modo um arquivo diferente, múltiplo, inquietante, que subverte um pensamento e uma tradição. Contra a uniformização do mundo e a rasura das diferenças se mobiliza um olhar que se faz estrangeiro, que insiste em ver o mundo a seu redor como algo marcado mais pela diversidade que pela igualdade: essa opção narrativa, além de garantir que o heteróclito seja preservado, que os olhos atentem para a pequena brecha de inusitado que se abre no cotidiano, que o pensamento procure entender o outro no que ele tem de distinto, possibilita que o Mesmo e o Outro se deixem afetar pela diferença que os permeia.

Assim, ainda que o espaço do pensamento de Italo Calvino sobre a América surja de um movimento do olhar inverso ao de Borges – ele parte do centro, de uma cultura europeia e de uma tradição literária secular, em direção à margem que é a América, aquele “Outro-do-Occidente-dentro-do-Occidente” –, é possível aproximá-los por implicarem, ambos, num deslocamento do pensamento a partir da instituição de um arquivo heterotópico. Em relação a esse lugar de que fala Calvino, não podemos deixar de observar também que o espaço do Outro que é a América é também o seu lugar, o local de seu nascimento, o motivo de seu nome:

Nasci em 15 de outubro de 1923, em Santiago de Las Vegas, um lugarejo nas cercanias de Havana, onde meu pai, liguriano de San Remo, dirigia uma Estação Experimental de Agricultura, e minha mãe, da Sardenha, botânica, era sua assistente. Não recordo nada de Cuba, infelizmente, porque em 1925 já estava na Itália, em San Remo, para onde meu pai voltou com minha mãe com o objetivo de dirigir uma estação experimental de floricultura. De meu nascimento de além-mar só guardo um dado biográfico difícil de transcrever, uma bagagem de memórias familiares, e o nome de batismo, inspirado pela *pietas* dos emigrados para com seus lares e que na pátria, ao contrário, ecoa intensamente sonoro e carducciano. (CALVINO, 2006b, p. 21)

Essa origem no além-mar, no entanto, longe de ser esquecida, parece-nos que vai assinalar a “vocação heterotópica” do fazer literário do escritor italiano por meio

de um olhar estrangeiro: tomando como ideal para sua morada um lugar em que pudesse “viver naturalmente como estrangeiro”, é a partir da convivência entre o diverso que Calvino tece sua obra. Essa voz forasteira fica clara nos relatos de viagem, ficcionais ou memorialísticos, que são uma constante em sua produção, mas também pode ser percebida em sua relação com a cidade natal e com a cidade da infância, as quais se apresentam como contrapontos de um viajante que não se insere em ou sente-se próprio a nenhum espaço, nem mesmo naqueles que marcam sua origem. A marca da estrangeirice, o viver junto com o diferente, se apresenta nas páginas do “Diário americano” que compõe o *Eremita em Paris*, nos textos a respeito de Japão, México e Irã presentes em *Coleção de areia* e mesmo nos impossíveis “diálogos históricos”, travados com Montezuma e com o Homem de Neandertal, compilados em *Um general na biblioteca*, e impõe-se também sob o viés de um olhar deslocado sobre o mundo prosaico que cerca os personagens do escritor italiano, como Palomar ou Marcovaldo.

Esse olhar o mundo como alguém que não pertence a ele – um estranho, um “de fora” – é uma opção que diz respeito às relações que irão se estabelecer com o Mesmo e o Outro, aos posicionamentos que se irão adotar diante do mundo. Que lugar é esse de onde é possível falar como outro, como estrangeiro? O que permite essa posição intermédica, dúbia, de estar simultaneamente dentro e fora de um lugar? O próprio Calvino, em outra nota biográfica, assim se refere a essa posição pendular, indefinida, variável:

Começarei dizendo que nasci sob o signo de libra: por isso em minha índole equilíbrio e desequilíbrio corrigem, alternadamente, os excessos um do outro. Nasci quando meus pais estavam prestes a retornar à pátria após anos passados no Caribe: *daí a instabilidade geográfica que faz com que eu deseje o tempo todo outro lugar.* [...] Cresci, da infância à juventude, em uma cidade da Riviera adriática, *recolhida* em seu microclima. Tanto o mar *contido* num golfo como a montanha *cerrada* me pareciam *tranquilizadores e protetores* [...] (CALVINO, 2006a, p. 9-10, grifos meus)

Seu nascimento faz-se, assim, num espaço de passagem ou parada provisória, para retomar aqui a tipologia foucaultiana, mas a infância, ao contrário, se faz num espaço de repouso, numa cidade “recolhida” que garantia a proteção e separava do resto do mundo. Contudo, desse lugar de conforto é impossível narrar, não se pode aí dizer algo que já não tenha sido dito: o tempo-espaço da infância, o posicionar-se nesse lugar que garante o “alimento seguro”, torna impossível a voz. “Não podemos narrar se ainda estivermos lá dentro” (CALVINO, 2006b, p. 23), diz Calvino; é preciso deslocar-se, colocar-se em movimento, sentir-se desconfortável, abandonar o que é familiar e “conviver” com o que é diverso; narrar de um lugar outro, estranho, distinto. Assumindo o signo de libra, a balança, o estar entre duas posições, a heterotopia que

já se marca no dado biográfico, se delineiam uma vida e um pensamento constituídos na convivência entre posicionamentos distintos.

A América como espaço de alteridade pode ser percebida também nos fragmentos epistolares publicados sob o título “Diário americano – 1959-60” (CALVINO, 2006c), uma reunião das cartas enviadas por Calvino à editora Einaudi quando de sua primeira viagem aos Estados Unidos, em fins de 1959 e princípio de 1960, em razão de uma bolsa literária que ganhara.<sup>2</sup> Essas impressões breves, escritas ao calor do momento, revelam o conflito que marca o olhar daquele estrangeiro que tinha da América apenas uma ideia abstrata, pautada pelos padrões eurocêntricos e pelas imagens cinematográficas, e que se descobre num mundo diverso, contraditório, ao transitar pelas ruas de Nova York, Chicago, San Francisco, Los Angeles. Se antes disso Calvino afirmava que “as viagens não são eventos de muita importância” (CALVINO, 2006b, p. 29), após o período vivido nos Estados Unidos passa a acreditar que “é melhor viajar do que ficar em casa” (CALVINO, 2006d, p. 141), confessando seu fascínio diante do espaço de diferença que se apresenta ao estrangeiro: “Nos Estados Unidos, porém, fui tomado por um desejo de conhecimento e de posse total de uma realidade multiforme e complexa e ‘outra que não eu’, como nunca tinha me acontecido. Foi algo parecido com um enamoramento” (CALVINO, 2006d, p. 140-141).

Esse enamoramento, com o que ele tem de encanto e dificuldades, é visível nos relatos sobre o que se encontrava na periferia de seu mundo, sobre aquilo que lhe era excêntrico física, histórica e culturalmente. Neles, a diferença se faz presente de forma irônica, por vezes mesmo sarcástica – “e você entende que 95% da América é um país de uma falta de beleza e de fôlego e de individualidade, enfim, de uma mediocridade sem saída” (CALVINO, 2006c, p. 102) –, mobilizada ao mesmo tempo pelo fascínio e pela repulsa, amplificando o sentimento de deslocamento já indicado pelo autor no próprio país em que vivia: a infância já fora estrangeira, em duplo movimento – era filho de uma estranha família para a Itália do período, e era também um estranho garoto para a família, interessado mais nas palavras que na natureza –, e assim também a juventude, pois diante da ausência de qualquer tradição literária era necessário migrar para outras geografias narrativas, descobrir outras memórias da literatura. E Calvino vai, antes de ser estrangeiro na América, ser estrangeiro na própria Itália, descobrindo a cidade de Turim.

Mas é nos Estados Unidos que essa diferença se manifesta mais intensamente, e no contexto americano destaca-se Nova York, uma cidade “que não é totalmente América nem totalmente Europa, que transmite uma carga de energia extraordinária,

---

<sup>2</sup> No princípio de novembro de 1959 Calvino é agraciado, junto a outros jovens escritores europeus – Claude Ollier, Alfred Tomlinson, Fernando Arrabal e Hugo Claus –, com uma bolsa da *Ford Foundation* que lhe garante uma viagem aos Estados Unidos, de onde remete metodicamente uma série de cartas com suas impressões sobre os locais visitados ao redator-chefe da Einaudi, Daniele Ponchiroli.

que você logo sente em sua mão, como se sempre tivesse vivido aqui” (CALVINO, 2006c, p. 34-35), único lugar que parece poder funcionar como um pouso:

Ao contrário, volto a Nova York para passar ali os dois meses que ainda me separam do retorno à Europa, porque Nova York, cidade sem raízes, é a única onde eu posso imaginar que tenho raízes, e dois meses de viagens no fundo bastam, e Nova York é o único lugar em que posso fingir morar. (CALVINO, 2006c, p. 134)

Escolher como possível casa, como “espaço de repouso”, uma cidade sem raízes, na qual se pode “fingir morar”, não seria o mesmo que fazer da viagem, posição de passagem, lugar fixo? Ser “naturalmente estrangeiro” não implicaria em manter mesmo no repouso o olhar de diferença característico do peregrino que perambula por terras desconhecidas? Se a viagem é “o símbolo de uma busca sem fim”, se é preciso que “a fronteira seja sempre adiada, a fim de que essa aventura possa prosseguir” (MAFFESOLI, 2001, p. 42), fazer-se estrangeiro em seu próprio lar pode ser uma forma de garantir que sua voz continue a ser distinta, marcada e possibilitada apenas por seu caráter deslocado, pode ser uma maneira de garantir sua vocação heterotópica, de afirmar-se como espaço de convivência. A condição estrangeira reafirma-se, pois, desde o lugar em que se narra até os impossíveis lugares em que se vive ou finge viver, e nesse percurso a diferença imprime-se como condição essencial para o arquivo que se cria.

Mas esses deslocamentos provocados por um “efeito de lugar” deixam seus rastros também em outras justaposições, que ultrapassam a relação entre um Mesmo e um Outro geográficos e culturais como a que vemos em relação ao Oriente e à América: a mescla entre a ficção e o ensaio, entre o verdadeiro e o apócrifo, entre a memória e a imaginação implicam em contaminações de uns pelos outros que acabam por fazer deles espaços indefinidos, cujas bordas se espraiam e invadem o terreno que lhes seria oposto. Tomemos, por exemplo, as impressões de viagem que compõem a última parte de *Coleção de Areia*, de Italo Calvino, intitulada “A forma do tempo”, as quais nos trazem elementos para pensar a heterotopia tanto em relação ao contato entre distintas culturas quanto entre diferentes gêneros textuais. Os textos em questão já haviam sido publicados, em grande parte, no *Corriere della Sera*, integrando a série referente ao Senhor Palomar, posteriormente lançada sob a forma de um livro de contos. O tom, em um ou em outro, memorialístico ou ficcional, destaca a irredutibilidade da diferença e a importância do “olhar estrangeiro” para que a mesma permaneça visível: Japão, México e Irã são espaços diversos, que no conjunto dos livros convivem entre si e também com as observações relativas à própria Itália e a outros países europeus. Mas também a imaginação e a autobiografia ali se embaralham, apresentando-se como distintas entre si pela diferença dos projetos literários que compõem, mas ao mesmo tempo se mesclando pelo trânsito entre essas margens. Como na mescla de ensaio e ficção que permeia as obras de Borges e Calvino, também aqui nos deparamos com textos dúbios, cuja categorização

é problemática, num processo que acaba por contaminar todos os outros textos que deles se avizinham, todos os textos que, no arquivo-literatura dos dois escritores, são postos em convivência.

Tomemos o texto “A velha senhora de quimono violeta” (CALVINO, 2010b), uma das narrativas de Calvino acerca do Japão publicada em *Coleção de areia*, e que corresponde ao texto “*Due donne, due volti del Giappone (IC racconta un viaggio del signor Palomar da Tokyo a Kyoto)*”, publicado no *Corriere della Sera* em dezembro de 1976. Nessa narrativa Calvino aborda um momento prosaico e emblemático da vida do viajante – a espera de um trem na estação –, e nos mostra o quanto é o olhar estrangeiro que garante a sobrevivência da diferença, uma vez que esta só se afirma relacionalmente: a senhora do quimono chama sua atenção no momento em que o escritor – ou o personagem, conforme a versão do texto que se lê – ainda se apresenta como “novo no país”, quando ele ainda não sabe “que valor atribuir às coisas” (CALVINO, 2010b, p. 166). É nesse contexto que a presença de “uma senhora idosa num velho e pálido quimono violeta” se destaca, salta aos seus olhos de estrangeiro, ainda não habituados ao diferente que a eles se apresenta:

Quando tudo tiver encontrado uma ordem e um lugar em minha mente, começarei a não achar mais nada digno de nota, a *não ver* mais o que estou vendo. Porque ver quer dizer perceber diferenças, e tão logo as diferenças se uniformizam no cotidiano previsível, o olhar passa a escorrer numa superfície lisa e sem ranhuras. Viajar não serve muito para entender [...], mas serve para reativar momentaneamente o uso dos olhos, a leitura visual do mundo. (CALVINO, 2010b, p. 166, grifos do autor)

Se tomarmos aqui que o uso dos olhos, a visibilidade – um dos valores literários caros a Calvino – aparece como essencial a uma relação com o outro que garanta que se enxergue sua diferença, podemos dizer que não é o deslocamento espacial (a viagem) que vai tornar possível enxergar a diferença, mas o deslocamento do olhar:

Com o olhar é diferente. [...] Ele perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto, e parece originar-se sempre da necessidade de “ver de novo” (ou ver o novo), como intento de “olhar bem”. Por isso é sempre direcionado e atento, tenso e alerta no seu impulso inquiridor... [...].

O olhar não descansa sobre a paisagem contínua de um espaço inteiramente articulado, mas se enreda nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento. Aqui o olho defronta constantemente limites, lacunas, divisões e alteridade, conforma-se a um espaço aberto, fragmentado e lacerado. Assim, trinca e se rompe a superfície lisa e luminosa antes oferecida à visão, dando lugar a um lusco-fusco de zonas claras e escuras, que se apresentam e se esquivam à totalização. [...] Por isso o olhar não acumula e não abarca, mas procura; não deriva sobre uma superfície plana, mas escava, fixa e fura, mirando as frestas deste mundo instável e

deslizante que instiga e provoca a cada instante sua empresa de inspeção e interrogação. (CARDOSO, 2002, p. 348-349)

É o olhar rigoroso e observador do senhor Palomar, personagem com nome de laboratório astronômico e narrador primeiro dessa viagem ao Japão, que lhe possibilita perscrutar o mundo que se apresenta a ele e descobrir assim o insólito, o distinto, o diferente. São seus olhos de viajante, seu “olhar que pensa”, sua “visão feita interrogação” (CARDOSO, 2002, p. 349) que o fazem um eterno estrangeiro, à semelhança de Calvino. E é esse mesmo olhar que faz com que o pesquisador do arquivo, aquele que transita pelos meandros de memórias, vidas e tradições colecionadas e reordenadas, perceba o que há também nele de vocação heterotópica. O arquivo – e também as obras de Borges e Calvino, pensadas como arquivos da literatura – devem ser olhadas como um “Novo Mundo” que se apresenta, como um espaço e um modo de convivência apenas perceptível se não se fecham os olhos a ele:

[...] se um Novo Mundo fosse descoberto agora, saberíamos vê-lo? Saberíamos descartar de nossa mente todas as imagens que nos habituamos a associar à expectativa de um mundo diverso (o da ficção científica, por exemplo) para colher a verdadeira diversidade que se apresentaria aos nossos olhos?

[...] Tal como os primeiros exploradores da América não sabiam em que ponto se manifestaria uma negação de suas expectativas ou uma confirmação de semelhanças notórias, do mesmo modo também poderíamos passar ao lado de fenômenos nunca vistos sem nos dar conta disso, porque nossos olhos e nossas mentes estão habituados a escolher e catalogar apenas aquilo que entra nas classificações assentadas. Talvez um Novo Mundo se abra aos nossos olhos todos os dias e não o vejamos. (CALVINO, 2010a, p. 17-18)

Optar por olhar o mundo de um lugar diferente é uma forma de garantir que se veja o diverso, e de respeitar, mesmo buscando encontrar zonas de contato e possibilidades de diálogo, que algo sempre resta, algo que não se pode equivaler ao mesmo, algo que é intraduzível por germinar em solo distinto, por se originar “de um mundo irreduzivelmente ‘outro’ em relação ao nosso” (CALVINO, 2010a, p. 202). Construir e assumir a literatura como um espaço de heterotopia é tanto admitir uma diferença que sempre persistirá quanto entregar-se ao risco da justaposição provocada pelo viver junto.

É justamente a esse risco que recorro aqui, pensando não mais apenas no contato entre diferentes gêneros e diferentes culturas, mas entre ficções e realidades, entre dados históricos e imaginários, enfim, abordando o uso essencial dos apócrifos na obra borgiana, assim como a hierarquização muito particular que ele traça de livros e autores. A obra de Borges, como já indicou Beatriz Sarlo (2008), vale-se de uma posição periférica para produzir uma alteração nos cânones estabelecidos e colocá-los em movimento, fundando assim uma concepção de literatura própria e

descentrada. Alfonso de Toro ressalta que esse procedimento borgiano não se dá apenas em nível local, relativamente à literatura argentina e aos cânones latino-americanos, mas estende-se também rumo à literatura e à filosofia universais:

Muitos autores que Borges aprecia não gozam, nem nas enciclopédias nem nas histórias da literatura, do lugar que ele lhes outorga. Borges trabalha, pois, muitos campos marginais (também no sentido de que não estão na conjuntura literária da época) e autores muito discutidos. [...] O critério com que Borges qualificava a literatura como boa ou ruim era seu próprio gosto ou as preferências que compartilhava com outros autores. (TORO, 2008)

Em sua obra, Borges compila e desloca uma série de referências conforme a leitura que delas faz, e as realoca de forma a lhes atribuir novos lugares na história do pensamento: num mesmo movimento, ele seleciona e aproxima textos canônicos e não-canônicos, originários de lugares e tempos distintos. Ele reúne, como afirma Toro (2008), “em um mesmo lugar a literatura local e a estrangeira, descontruindo-as em um mesmo ato de leitura”. Essa justaposição faz com que se avizinhem, num mesmo patamar valorativo, obras conhecidas e desconhecidas, reconhecidas em sua importância ou não, periféricas ou centrais, deslocadas ou não de seu contexto originário, de forma que o posicionamento de umas é contaminado pelo posicionamento das outras. Nas palavras de Alfonso de Toro,

[...] ele se apodera de seu contexto rioplatense com a mesma voracidade e naturalidade com a qual se apoderou da literatura inglesa, alemã, escandinava ou outras: Borges está fazendo seu “Oriente”, implantando seu olhar, sua leitura, seu deserto, a literatura por fazer-se, sua página não escrita. “Oriente” é em Borges o estar sempre fora de território, o estar dobrado, “em meio”, intercalado entre todas as possibilidades. Borges não inventa o objeto literário, e poderíamos afirmar parafraseando Deleuze que Borges recolhe todas as “[...] dobras vindas do Oriente, dobras gregas, romanas, românicas, góticas, clássicas... Mas ele curva e recurva as dobras, leva-as ao infinito, dobra sobre dobra, dobra conforme dobra.” (TORO, 2008)

É nesse dobrar e redobrar que a literatura de Borges se reafirma como espaço da heterotopia, é por meio desse deslocamento constante dos textos que o arquivo literário construído pelo escritor argentino é o arquivo de uma literatura diversa, múltipla, em processo. Ao incluir em seu arquivo aquilo que a rigor não deveria compô-lo – como o marginal e o falso –, valendo-se de uma série de citações – da “paixão de uma citação sem fim”, para aproveitar uma expressão de Lisa Block de Behar (1999) –, Borges faz de sua obra um desdobramento infinito da literatura, que implica na oscilação de todos os elementos ali incluídos. A aproximação entre o marginal e o reconhecido altera o lugar de ambos num determinado cânone, tornando evidente a relatividade e a arbitrariedade que rege os sistemas classificatórios e os



processos valorativos que os orientam. Já colocar em convivência o verdadeiro e o falso provoca uma dúvida hiperbólica diante da veracidade de qualquer informação, de qualquer referência, assim como da própria ideia de que “verdade” e “mentira” são posições dadas. Com a utilização metódica dos apócrifos,<sup>3</sup> Borges não apenas faz de sua literatura alvo de uma dúvida constante (devemos sempre desconfiar de Borges, é o que se diz nas entrelinhas de seu discurso), mas provoca essa reação mediante a Literatura, o mundo, a vida. Tudo que nessa obra-arquivo se apresenta torna-se passível de dúvida, é plausível que tudo não passe de uma falsificação, de uma criação, de uma ficção. Borges coloca em questão, assim, a própria linguagem, o próprio pensamento:

Essa carinhosa falsificação pode arrastar consequências inesperadas, ainda que tipicamente borgianas, como a de criar um personagem para logo permitir-se, no mesmo texto, conjecturar a natureza apócrifa de uma de suas ações, ou, em outros casos, de sua existência mesma. Borges chega a vangloriar-se litoticamente de um estilo que conta entre suas características “as citações nem sempre apócrifas”... (ALMEIDA, 2003, p. 186-187)

A ideia de um arquivo heterotópico implica, assim, não apenas num arquivo em que o diverso é colocado no abrigo de uma mesma morada, mas também em que esses diferimentos avizinham o tempo todo afetem uns aos outros, provocando inúmeros e incessantes deslocamentos. Nos arquivos de Borges e Calvino literatura, ciência, filosofia e política são móveis, cambiantes, signos estrangeiros uns aos outros que sobre eles agem, indo mais além de si mesmos, invadindo fronteiras e provocando contaminações que questionam a pureza e a estabilidade dos contornos. A heterotopia propicia o espessamento dos limites e o rompimento de fronteiras, tornando-os densos e porosos, infiltrados por elementos vários, por memórias, histórias e imaginações que não lhes são próprias e que subsistem, apenas, por meio da convivência.

O que se deixa antever, ao fim desse artigo, é o quanto as literaturas de Jorge Luis Borges e Italo Calvino são marcadamente políticas: o discurso da ficção pode constituir-se como ação política relevante valendo-se de suas próprias estratégias narrativas. Por meio da constituição de obras que tecem com a tradição e a memória literária e cultural uma relação muito peculiar – que indica a arbitrariedade das atribuições de valor e as questões de poder nelas envolvidas, que se compõem heteroclitamente e com isso avizinham elementos díspares de modo a colocá-los em

---

<sup>3</sup> Para uma visão detalhada do uso dos apócrifos em Borges, que indica inclusive que o termo ultrapassa o sentido comum de “falsificação”, ver Almeida (2003).

convivência, em movimento e a garantir sua produtividade –, Borges e Calvino fazem de sua produção terreno politicamente ativo, no qual cânones literários e paradigmas do pensamento são questionados e subvertidos por meio de recursos que são próprios à ficção.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, I. Celebración del apócrifo en “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”. *Variaciones Borges*, Pittsburgh, n. 15, p. 181-206, 2003.

BARTHES, R. *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEHAR, L. B. de. *Borges: la passion de una cita sin fin*. México, DF: Siglo Veintiuno, 1999.

BORGES, J. L. O idioma analítico de John Wilkins. In: \_\_\_\_\_. *Outras inquisições*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 121-126.

\_\_\_\_\_; FERRARI, O. *Sobre a filosofia e outros diálogos*. Trad. John O’Kuinghttons. São Paulo: Hedra, 2009a.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Sobre os sonhos e outros diálogos*. Trad. John O’Kuinghttons. São Paulo: Hedra, 2009b.

BOURDIEU, P. Efeitos de lugar. In: \_\_\_\_\_. *et al. A miséria do mundo*. Trad. Mateus S. Soares Azevedo et al. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 159-166.

BRANDÃO, L. A. Espaços literários e suas expansões. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 15, p. 207-220, jan./jun. 2007.

CALVINO, I. *Palomar*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. Montezuma. In: \_\_\_\_\_. *Um general na biblioteca*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 177-187.

\_\_\_\_\_. Nota à edição italiana de 1996. In: \_\_\_\_\_. *Eremita em Paris: páginas autobiográficas*. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006a. p. 9-11.

\_\_\_\_\_. Questionário de 1956. In: \_\_\_\_\_. *Eremita em Paris: páginas autobiográficas*. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006b. p. 21-29.

\_\_\_\_\_. Diário americano 1959-60. In: \_\_\_\_\_. *Eremita em Paris: páginas autobiográficas*. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006c. p. 30-135.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. O arquivo-literatura de Jorge Luis Borges e Italo Calvino: espaço de “viver junto”. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 1 (2017), p. 166-185.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. O comunista partido ao meio. In: \_\_\_\_\_. *Eremita em Paris: páginas autobiográficas*. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006d. p. 136-144.

\_\_\_\_\_. Como era novo o Novo Mundo. In: \_\_\_\_\_. *Coleção de areia*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 17-24.

\_\_\_\_\_. A velha senhora do quimono violeta. In: \_\_\_\_\_. *Coleção de areia*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 165-172.

CARDOSO, S. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, A. (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 347-360.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. Outros espaços. In: \_\_\_\_\_. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.

IPPOLITO, M. C. La cicatriz europea: recepción borgeana de la cultura japonesa. In: JORNADAS INTERNACIONALES BORGES LECTOR, 1, Buenos Aires, 2011. (mimeo)

MAFFESOLI, M. *Sobre o nomadismo*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MILANINI, C. Note e notizie sui testi. Capitoli per “Dialoghi Storici”. In: CALVINO, I. *Romanzi e racconti*. Milano: Arnoldo Mondadori, 2004. v. 3. p. 1220-1222.

MIRANDA, W. M. Archivos e memória cultural. In: SOUZA, E. M. de; MIRANDA, W. M. (Org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 35-42.

PIZARRO, A. A América Latina como arquivo literário: Gabriela Mistral no Brasil. In: SOUZA, E. M. de; MARQUES, R. (Org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Trad. Cristiano Silva de Barros. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. p. 352-369.

SANTIAGO, S. A ameaça do lobisomem. In: \_\_\_\_\_. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 212-230.

SARLO, B. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Iluminuras, 2008.

TORO, A. de. La "literatura menor", concepción borgesiana del 'Oriente' y el juego con las referencias. Algunos problemas de nuevas tendencias en la investigación de la obra de Borges. In: \_\_\_\_\_. *Borges infinito, Borges virtual: pensamiento y saber de los siglos XX y XXI*.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. O arquivo-literatura de Jorge Luis Borges e Italo Calvino: espaço de “viver junto”. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 1 (2017), p. 166-185.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 jul. 2017.

Hildesheim/Zürich/New York: Goerg Olms Verlag, 2008. p. 109-116. Disponível em: <http://www.uni-leipzig.de/~detoro/sonstiges/borgoriente.htm#pos1>. Acesso em: 09 nov. 2011.

MARIA ELISA RODRIGUES MOREIRA é professora visitante no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). É doutora em Literatura Comparada e mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Publicou artigos e livros sobre as obras de Italo Calvino e Jorge Luis Borges, assim como sobre a relação entre a literatura, outras artes e outros campos do saber, entre os quais "Literatura, ciência, Gonçalo M. Tavares" (2017), *Coleção, arquivo, biblioteca: a literatura de Jorge Luis Borges e Italo Calvino* (2016), "A ciência de perseguir: Gonçalo M. Tavares e os indícios de uma literatura" (2016), "O desafio de tecer em conjunto: complexidade, transdisciplinaridade e literatura" (2016) e "Poros, pele, o corpo no mundo: estéticas, políticas" (2015).